

Palestra proferida pela professora, escritora e poetisa Dionilce Silva de Faria no Grupo de Artes e Letras Mércia de Aloan, no dia 6/5/2004.

LÍNGUA PORTUGUESA

Nos primeiros tempos de colônia, o Brasil falava o tupi, que se sobrepunha à língua portuguesa na proporção de 3 por 1. Os colonizadores portugueses, em vez de ensinarem português, aprendiam o tupi. A língua falada em família era o tupi. As crianças eram educadas falando o tupi. O padre José de Anchieta, que veio com o governador Duarte da Costa, em 1553, até elaborou uma gramática tupi intitulada: “A Arte da Língua Mais Usada na Costa do Brasil”. Foi preciso um decreto real para impor a língua portuguesa. Se não fosse o decreto, estaríamos falando a língua tupi.

Estava nascendo no Brasil uma língua portuguesa mais enriquecida, com numerosas palavras da língua indígena, como toponímicos, nomes próprios, de aves, de animais, vegetais, frutos, comidas, além de sufixos que entraram na formação de muitas palavras, como por exemplo: açu: grande (acará-açu); era: falta (tapera: falta de um olho); una: preta (Itaperuna), mirim:pequeno (abelha-mirim: 2 mm de tamanho), piranga:vermelho (Ipiranga); ara:pássaro (Icaraí: água dos passaros pequenos); i: pequeno (Icaraí). Há divergências também na interpretação do tupi. Para alguns, Icaraí pode ser analisada assim: igara (canoa) e i (pequena): canoa pequena. Para outros: ig (água), ara (pássaro) e i (pequeno): água de pássaro pequeno. Ipiranga: ig (água) e

piranga (vermelho): água vermelha, decorrente da cor do solo de terra vermelha.

A língua portuguesa sofreu também influência de línguas africanas. A língua ioruba contribuiu com palavras relativas a fetichismo e culinária. A língua quibundo proporcionou maior contingente de palavras, cerca de 250 segundo pesquisadores. Muitas ainda hoje familiares como orixá, canjerê, nagô, acarajé, dengue, camundongo, caçula. Cabe uma pequena referência ao prefixo “ca” que entra na formação de duas palavras citadas, bem conhecidas: camundongo: mundongo significa rato e ca, prefixo que significa pequeno, daí, camundongo, rato pequeno. Caçula: çula significa filho e ca, menor ou mais novo, daí, caçula.

Surgiram as diferenciações fonéticas entre o português de Portugal e o português do Brasil. Nas vogais tônicas, seguidas de “s” ou “z” intercalou-se “i”: vez-vês: veis; paz-pás: pais; noz-nós: nós; dez: déis; arroz: arrois. Também surgiram alterações de sentidos e significações no tempo e no espaço. Por exemplo, em 1950, entre outros exemplos, a Enciclopédia Brasileira Mérito cita que em Portugal bonde é carro, carro é trem e trem é comboio. Hoje, tal estado pode ter se modificado, novos casos podem ter surgido ou ainda surgirão. É assim que ao longo de eras surgem línguas e dialetos, à falta de uma meta padrão de interesse comum e por vaidade de muitas opiniões acadêmicas divergentes.

Quanto à ortografia, muitas têm sido as divergências e opiniões:

1 - Opinião de Gonçalves Viana, eminente foneticista, autoridade suprema no assunto: Estou de há muito convencido, e várias vezes o tenho dito pela imprensa, de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo, que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antigüidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar porque a leitura e a conseqüente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quase sem protestos;

2 - Opinião do professor Ismael de Lima Coutinho, em seu livro Gramática Histórica: Se o objetivo de qualquer sistema é representar as palavras, ajustando-se a elas do mesmo modo que a indumentária ao corpo, como explicar a presença de tantos símbolos inúteis, que tiram ao idioma escrito a simplicidade primitiva, dando-lhe um ar postigo de afetação?;

3 - Crítica poética de Olavo Bilac, intitulada Língua Portuguesa:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
és, a um tempo, esplendor e sepultura,
ouro nativo que na ganga impura,
a bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
tuba de alto clangor, lira singela,
que tens o trom e o silvo da procela
e o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: meu filho!
E em que Camões chorou no exílio amargo,
o gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Até o século XVI, escritores ou copistas procuravam dar aos leitores uma impressão exata da língua falada, através de um sistema fonético de escrita, sem influências gráficas do latim.

Alguns anos antes do século XVII, porém, os intelectuais da época começaram a mostrar que a língua portuguesa originava-se da língua latina, cuja grafia começaram a imitar. Os copistas passaram a vestir os vocábulos com aspecto gráfico alatinado. Tanto os de uso consagrado, como os novos, sofreram uma recomposição etimológica. Nesta luta de conseqüências estorvantes para nossos dias, notabilizaram-se os seguintes latinistas:

1 - Em 1574, Pero de Magalhães de Gândavo;

2 - Em 1576, Duarte Nunes Leão;

3 - No século XVII, Álvaro Ferreira de Vera e João Franco Barreto;

4 - No século XVIII, Madureira Feijó e Monte Carmelo;

5 - No Romantismo, em que houve novo surto etimológico, baseado no francês, língua que era profundamente imitada, não mais o latim, José de Castilho foi o maior cultor da grafia etimológica.

A confusão chegou a tal ponto que Garret não escrevia como Herculano, nem Latino como Camilo!

Então, começaram as reformas:

1 - Em 1907, a Academia Brasileira de Letras, através de suas publicações, cuida de simplificar a ortografia;

2 - Em 1911, o Governo Português assina portaria simplificando a ortografia, para Portugal e suas colônias;

3 - Em 1912, a Academia Brasileira de Letras torna mais harmônico e racional seu sistema de 1907;

4 - Em 1915, a Academia Brasileira de Letras resolve harmonizar sua ortografia com a portuguesa;

5 - Em 1919, a Academia Brasileira de Letras revoga a sua resolução de 1915;

6 - Em 1929, a Academia Brasileira de Letras lança novo sistema gráfico que, para muitos, a par de algumas regras racionais, continha outras que importavam flagrante desrespeito à tradição e à etimologia;

7 - Em 1931, o Governo torna oficial acordo celebrado entre a nossa academia e a portuguesa. pois jornalistas e escritores nunca aceitaram inteiramente as reformas anteriores;

8 - Em 1938, foram sanadas dúvidas de acentuação das palavras;

9 - Em 1943, novo acordo entre Brasil e Portugal;

10 - Em 1945, novo acordo entre Brasil e Portugal, mas, posteriormente, o Congresso Nacional prefere retornar ao acordo de 1943, que o Governo então sanciona, mas Portugal continua com o acordo novo, o de 1945;

11 - Em 1971, de acordo com o art. 1º da Lei 5765, fica abolido o trema nos hiatos átonos: saüdade-saudade, saüdar, saudar; fica abolido o acento diferencial das palavras homógrafas: nôvo, novo, tôda toda; fica abolido o acento com que se assinala a sílaba subtônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo mente ou sufixos iniciados por z: débilmente-debilmente, avòzinha-avozinha, anèizinhos-aneizinhos, sòmente-somente;

12 - Em 1995, Acordo Ortográfico aprovado pelo Congresso Nacional, para ser cumprido a partir de 1997, ainda não entrou em vigor, pois não foi sancionado pela Presidência

da República, tendo em vista que foi criticado pelos professores brasileiros, por suprimir a acentuação dos ditongos éi, éu e ói nas palavras paroxítonas; acentuar obrigatoriamente uns vocábulos (pôde, pôr) e facultativamente outros (amámos, fôrma, etc.); abolir o acento nos vocábulos tônicos de homógrafos átonos (para, pera, pela, polo, etc.); e suprimir o trema, só o conservando em derivados estrangeiros, como mülleriano, de Müller, resolução infeliz pois o trema é útil para mostrar quando o u é pronunciado.

Esta confusão toda só acabará quando a gramática deixar de ser discutida filosoficamente, passar a ser discutida cientificamente, levar em consideração que a inteligência humana terá de submeter-se às leis científicas da natureza, que regem também a linguagem.

De certo modo, Karl Vossler, pesquisador alemão, há muito tempo, viu que a gramática é dinâmica, pois a dividiu em três grupos:

1 - Gramática Didática, escolar, aprovada para ser ensinada aos alunos, após as discussões acadêmicas de praxe;

2 - Gramática Acadêmica, resultante do peso da autoridade de nomes que filosofam, mandam, ditam, decidem, afirmam, autorizam o uso didático das modificações;

3 - Gramática Científica, baseada em leis científicas, já com recentes frutos no Brasil, conforme pesquisas científicas publicadas pela imprensa, comunicadas à Academia

Brasileira de Filologia, à Comissão de Educação do Congresso Nacional, pesquisas registradas na Biblioteca Nacional, esperando sua adoção, que decide, em última instância, cientificamente, assuntos relativos a reformas ortográficas, atualmente sob impasse, pelas divergências de opiniões, no atual acordo entre Portugal e Brasil, ainda não sancionado pelo presidente da república brasileira.

São muitas as deficiências linguísticas. Eis o estado atual:

- 1 – Uma letra não representa som algum;
 - 2 – Outra letra representa vários sons;
 - 3 – Um som é representado por muitas letras;
 - 4 – Muitas palavras são acentuadas desnecessariamente;
 - 5 – O problema do uso do hífen é ininteligível.
 - 6 – Os vícios de linguagem não são corrigidos, tornando-se cada vez mais frequentes e sendo, finalmente, incorporados à língua.
- Preocupada com todos estes problemas, procuro, através dos meus trabalhos didáticos, tornar a aprendizagem da língua menos difícil, mais simples e atraente. Espero estar contribuindo para que a língua seja assimilada corretamente e se torne mais estável.